

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 28

Filosofia 11.º ANO

Tema 4: O conhecimento e a racionalidade científica e tecnológica

Subtema 5: A dimensão religiosa. Religião, razão e fé



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Vamos agora dedicar-nos à filosofia da religião, nomeadamente, ao problema da existência de Deus, o qual pode ser formulado desta forma: “Será racional ter fé na existência de Deus?” Iremos clarificar conceitos fundamentais para esclarecer este problema (Deus, fé, racionalidade, entre outros). Analisaremos respostas a favor da racionalidade da fé, bem como examinaremos respostas contra a racionalidade da fé. Procuraremos ainda sondar se é plausível ou não a resposta fideísta de Pascal, segundo a qual é racional haver fé na existência de Deus, ainda que nenhum argumento prove a sua existência.



O QUE VOU APRENDER?

- Caracterizar o conhecimento, formulando explicitamente o problema filosófico da possibilidade de conhecimento, à luz da perspectiva empirista e racionalista, avaliando criticamente ambas as respostas ao problema filosófico em questão;
- Formular o problema da demarcação. Caracterizar a conceção indutivista da ciência e proceder à sua avaliação crítica. Caracterizar o falsificacionismo de Karl Popper e proceder à sua avaliação crítica;
- Formular o problema da objetividade da ciência, avaliando criticamente a posição de Popper. Descrever os diferentes momentos de desenvolvimento científico, segundo Kuhn, clarificando as noções de paradigma, anomalia, crise científica e incomensurabilidade;
- Formular o problema da definição de arte e explicitar a sua relevância filosófica, distinguindo a abordagem essencialista da abordagem não essencialista. Caracterizar as teorias representacionista, expressivista, formalista, institucional e da histórica de arte;
- **Formular o problema da definição da existência de Deus e explicitar a sua relevância filosófica, enunciando os argumentos cosmológico, teleológico (Tomás de Aquino) e ontológico (Santo Anselmo) sobre a existência de Deus. Avaliar criticamente estes argumentos. Caracterizar criticamente a posição fideísta de Pascal e o argumento do mal de Leibniz.**



COMO VOU APRENDER?

GTA 24: Relevância do problema da existência de Deus

GTA 25: Religião, razão e fé. O argumento cosmológico

GTA 26: Religião, razão e fé. O argumento teleológico

GTA 27: Religião, razão e fé. O argumento ontológico

GTA 28: Religião, razão e fé. O problema do mal

GTA 29: Religião, razão e fé. A aposta de Pascal

Tema 4: O conhecimento e a racionalidade científica e tecnológica

Subtema 5: A dimensão religiosa. Religião, razão e fé



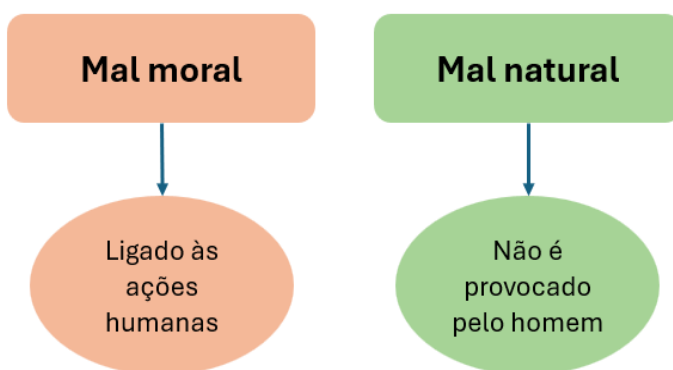
GTA 28: Religião, razão e fé. O problema do mal

Objetivos:

- Caracterizar o problema do mal;
- Analisar criticamente o problema do mal
- Clarificar o argumento do mal de Leibniz.

Modalidade de trabalho: individual e/ou em pequeno grupo**Recursos e materiais :** Caderno diário, manual escolar e *internet*.**O problema do mal**

A existência de mal no mundo é inegável. Há pessoas que morrem em atentados terroristas e em guerras. Há mulheres e homens vítimas de violência doméstica durante grande parte da sua vida. Há crianças que são espancadas e sexualmente abusadas. Há ainda o sofrimento atroz dos animais usados nas pesquisas científicas. Por outro lado, há doenças que produzem dores insuportáveis, existem catástrofes naturais devastadoras, como os terremotos e tsunamis, que matam milhares de pessoas e animais. Esta lista poderia alongar-se muito mais, mas, no essencial, podemos resumir todos eles numa distinção relevante, a saber: o mal moral (ligado às ações humanas, como o assassinio e a tortura) e o mal natural (que não é causado por seres humanos, sendo exemplo disso as catástrofes naturais e as doenças de origem genética).



«O mundo contém muito mal. Um deus onnipotente poderia ter evitado este mal – e sem dúvida que um deus sumamente bom e onnipotente o teria feito. Mas então porque existe este mal? Não será a sua existência um forte indício contra a existência de Deus? Sê-lo-ia, sem dúvida – a menos que possamos construir o que é conhecido por teodiceia, uma explicação da razão pela qual Deus terá permitido que o mal ocorresse.»

Richard Swinburne, *Será que Deus Existe?*, Gradiva, Lisboa, 1998, p. 109.



Um dos principais argumentos a favor da não existência do Deus teísta é o chamado “argumento do mal” ou “problema do mal”. O problema pode ser caracterizado do seguinte modo: como conciliar a existência de um criador perfeito, onipotente, onisciente e sumamente bom – o Deus teísta – com a existência do mal no mundo? O argumento baseado no problema do mal pretende justamente mostrar que o mal que vemos no mundo à nossa volta não é compatível com a existência do Deus teísta. A ideia é que:

- a) se Deus é onipotente, então pode acabar com o mal no mundo; se Deus é onisciente, então sabe que o mal existe; e se Deus é sumamente bom, então quer acabar com o mal;
- b) ora, como o Deus teísta é onipotente, onisciente e sumamente bom, segue-se que o Deus teísta pode acabar com o mal, sabe que o mal existe e quer acabar com o mal.
- c) deste modo, se existe um Deus teísta, então não há mal (dado que ele tem todos os atributos para acabar com o mal);
- d) contudo, uma vez que há mal no mundo, bem como há uma enorme diversidade e quantidade de males;
- e) temos de concluir que o Deus teísta não existe.

Parece implausível que um Deus onipotente e bom permita males sem sentido, como o das doenças genéticas, e, por isso, somos levados a duvidar que exista um Deus onipotente e bom. Talvez não exista nenhum Deus ou, pelo menos, não exista o Deus teísta. Muitos filósofos pensam, contudo, que o argumento não é sólido, ou seja, não negam que há males no mundo, mas pensam que não são sem sentido – ou seja, julgam que Deus tem boas razões para permitir a sua existência.

Objeções ao problema do mal

«A noção de Deus mais comum e significativa que possuímos exprime-se bem nestes termos: Deus é um ser absolutamente perfeito; mas não se consideram suficientemente as consequências disto.(...) Possuindo Deus a sabedoria suprema e infinita, age do modo mais perfeito (...) e pode dizer-se assim, a nosso ver, que quanto mais esclarecido e informado se estiver acerca das obras de Deus (as coisas que existem no Universo), tanto mais se estará disposto a considerá-las excelentes.»

Gottfried Leibniz, *Discurso de Metafísica*, Edições 70, Lisboa, 1995, pp. 11-13. (adaptado)

Um dos filósofos que tentou explicar a razão pela qual Deus permite o mal foi Leibniz. Este filósofo construiu uma teodiceia que consiste em dar uma resposta à questão de saber porque motivo Deus permite o mal. A teodiceia de Leibniz apresenta a seguinte estrutura argumentativa:



- a) Deus criou o melhor de todos os mundos possíveis e o melhor de todos os mundos possíveis tem partes indesejáveis, ou seja, males.
- b) Se a premissa 1 é verdadeira, então Deus permite o mal.
- c) Logo, Deus permite o mal. (De 1 e 2, por Modus Ponens)

Para este filósofo, Deus, sendo um ser perfeito, criou o melhor mundo que era possível criar. Por isso, quem pensa que existem males sem sentido não leva suficientemente a sério a ideia de Deus e não tira dela as consequências que devia tirar: vivemos no melhor mundo possível e todos os males que existem têm uma razão de ser e são compensados por um bem maior.

Outra resposta ao problema do mal dada por Leibniz destaca que somos seres cognitivamente limitados e não sabemos o suficiente para perceber sempre qual é o bem maior que resulta da ocorrência de um certo mal e, por isso, parece-nos que este não tem sentido. Por vezes conseguimos perceber que certos males trazem bens muito maiores. Mas muitas outras vezes não conseguimos:

«Acredito que Deus criou coisas em perfeição última, apesar de não nos parecer isso ao considerar partes do Universo. É um pouco como o que acontece na música e na pintura, pois as sombras e dissonâncias melhoram verdadeiramente as outras partes, e o autor sábio de tais obras obtém destas imperfeições particulares um benefício tão grandioso para a perfeição total do seu trabalho que é muito melhor dar-lhes espaço do que tentar passar sem elas. Assim, temos de acreditar que Deus não teria permitido o pecado nem teria criado coisas que sabe que irão pecar, se não tivesse obtido delas um bem incomparavelmente maior do que o mal que daí resulta.»

Gottfried Leibniz, «Diálogo sobre a Liberdade Humana e a Origem do Mal», in Desidério Murcho, *A Existência de Deus – O Essencial*, Plátano Editora, Lisboa, 2020, p. 40.

Contudo, também podemos colocar uma objeção a esta resposta, a qual é pouco coerente: se somos demasiado limitados, em termos cognitivos, para perceber as razões justificativas dos males que acontecem, também somos demasiado limitados para falar de Deus e afirmar a sua existência e os seus atributos, tais como a onipotência e a suma bondade.

Outra das razões pelas quais Deus pode permitir o mal é o livre-arbítrio. O facto de termos livre-arbítrio é algo bom e que dá valor às nossas vidas. Ao termos liberdade de escolha, podemos optar entre agir bem ou mal. O mal resulta deste livre-arbítrio e deve-se, portanto, ao ser humano e não a Deus. O mal é o preço a pagar pelo livre-arbítrio. No exercício da sua liberdade, as pessoas podem escolher entre agir bem ou mal e, por vezes, escolhem agir mal. Se só pudéssemos fazer o bem não seríamos genuinamente pessoas livres e responsáveis, seríamos como marionetas ou máquinas programadas. Por isso, o mal existe no mundo, porque muitas pessoas agem mal; contudo, isso é compensado pelo facto de o livre-arbítrio ser um bem maior.



Esta resposta encerra várias dificuldades, nomeadamente, porque dá uma explicação para o mal moral (assassinios, tortura, etc.), mas deixa de fora o mal natural (doenças, calamidades naturais, etc.).

Podemos ainda defender que o mal – quer moral quer natural – é necessário para desenvolver o carácter moral. Por outras palavras, se não existisse mal no mundo, as pessoas não poderiam desenvolver virtudes como a coragem, a generosidade, a capacidade de sacrifício, a perseverança e a compaixão, pois estas são reações aos problemas e dificuldades que surgem e, por isso, o seu desenvolvimento requer situações más e difíceis para enfrentarmos. Num mundo sem doenças, sem desastres naturais, sem escassez de alimentos, sem guerras, sem crimes, etc., as pessoas não teriam acesso a situações em que pudessem demonstrar compaixão, generosidade ou coragem. Uma das objeções que se pode apresentar a esta resposta é que a quantidade de mal existente parece ser maior do que o necessário para promover o desenvolvimento do nosso carácter.

Finalmente, ainda é possível argumentar que, apesar de Deus poder ser compatível com males justificados, parece que o problema do mal continua, uma vez que a existência do Deus teísta parece incompatível com males injustificados, gratuitos e que não servem qualquer propósito benéfico. Este é o caso de um exemplo dado por William Rowe (na obra: “The Problem of Evil and Some Varieties of Atheism”, in *American Philosophical Quarterly*, 16 (1979), p. 337), em que dá o exemplo dos ferimentos extremamente dolorosos de um veado, que ficou gravemente queimado resultado de um incêndio provocado pela descarga de um raio. Porque permitiria Deus que isto acontecesse quando o poderia perfeitamente ter evitado?

TAREFA 1

Após leitura atenta da informação anterior, abre o teu manual no argumento do problema do mal e, de seguida, responde aos seguintes desafios que colocamos:

1. Dá dois exemplos de acontecimentos que permitam ilustrar o mal natural e o mal moral existentes no mundo.
2. Segundo Leibniz, como se explica que haja mal no mundo?
3. Identifica duas características do Deus teísta que são, aparentemente, incompatíveis com a existência do mal.
4. Como argumentarias para contrariar a afirmação de que o mal permite a edificação do carácter?



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

TAREFA 1

1. Exemplos do mal natural podem ser as epidemias e os terremotos. Exemplos do mal moral: violações e guerras.
2. Deus é perfeito e por isso criou o melhor dos mundos possível. Os males existentes têm uma razão de ser: contribuem para um bem maior, o problema é que nós o desconhecemos.
3. A onipotência e a suma bondade divina.
4. Poderá ser referido, a título de exemplo, que o mal existente no mundo é excessivo e injustificado, na medida em que é maior do que o necessário para promover o desenvolvimento do carácter. Podemos assim afirmar que existe mal gratuito e sem sentido.



O QUE APRENDI?

És capaz de ...

- clarificar o argumento do mal de Leibniz e analisar criticamente este argumento?
- explicar que, no argumento do mal se procura mostrar que o mal no mundo não é compatível com a existência de Deus, pois, se Deus é onipotente, onisciente e sumamente bom, então ele tem poder, conhecimento e quer acabar como mal? Mas como há mal (tanto moral como natural) no mundo, segue-se que Deus não existe?
- explicar que o mal moral é o mal que tem origem nas ações ou omissões dos seres humanos e que mal natural é o mal que não tem origem nas ações ou omissões dos seres humanos?
- explicar que a teodiceia de Leibniz parte da ideia de que, se Deus é onipotente, onisciente e sumamente bom, então Deus tem de criar o melhor mundo possível? Contudo, o melhor mundo possível, de forma a ser o melhor, terá de conter mal, pois alguns bens maiores só existem caso existam alguns males.
- explicar que, como objecção à teodiceia de Leibniz, se pode defender que não há o melhor mundo possível e também se pode sustentar que, provavelmente, há males injustificados, ou seja, males que não servem para qualquer propósito benéfico e que não contribuem para bens maiores?

Estuda com um colega de turma, para consolidares a tua aprendizagem.



COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

Visualiza a videoaula sobre [O problema do Mal | Estudo Autónomo](#)

